

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Daniel Ricardo, *Ainda Bem Que Me Pergunta. Manual de Escrita Jornalística*, Editorial Notícias, Media & Sociedade, 2003

Carla Martins

Todos os jornalistas devem usar uma linguagem simples, concisa e rigorosa, para se tornarem compreensíveis junto do público, aconselha Daniel Ricardo logo nas primeiras linhas de *Ainda bem que me pergunta*. Num capítulo adequadamente intitulado «Escrever para ser lido», o editor executivo da *Visão* adverte, porém, que «isso não basta. Se bastasse, os jornais pareceriam enormes telegramas, claros, sintéticos, exactos e... enfadonhos» (p. 11).

O n.º 17 da colecção Media&Sociedade, dirigida por Alexandre Manuel, surge no universo bibliográfico português como um dos raros exemplos de manuais de jornalismo escritos por autores nacionais. Aqueles que quebram a regra há anos saíram de circulação. O próprio autor publicou, em 1989, o *Manual do Jornalista*, com a chancela da extinta Edições O Jornal, um volume completamente esgotado. A escassez de manuais acessíveis ao público português contrasta com a dimensão do universo estudantil e profissional, cuja amplitude recomenda o crescimento de um género bibliográfico com características mais pragmáticas e funcionais.

Ao longo das cerca de 250 páginas de *Ainda bem que me pergunta*, Daniel Ricardo, 62 anos, quase 40 consagrados ao jornalismo, alia conhecimentos teóricos a uma ampla experiência profissional, como sublinha no prefácio Carlos Cáceres Monteiro.

Vocacionado em particular para a construção do texto jornalístico na imprensa, Daniel Ricardo segue de perto o ensinamento do físico e matemático francês setecentista George-Louis Leclerc Buffon: «para escrever bem, é

preciso pensar bem» (p. 14). «O jornalista escreve para ser lido. (...) Ora, escrever para ser lido consiste, basicamente, em escrever para todos os leitores e não só para os mais cultos (...). E, para isso, têm eles próprios de compreender profundamente os factos sobre os quais escrevem» (p. 18). Missão tanto mais significativa quando se pensa nos fracos hábitos de leitura e nos níveis de iliteracia e de analfabetismo em Portugal.

A «imediateza compreensibilidade das mensagens» envolve dois níveis: a clareza, que deriva da gramaticalidade, da simplicidade e da densidade semântica da linguagem; e a vertente explicativa ou interpretativa.

De seguida, Daniel Ricardo advoga que «escrever correctamente e, de preferência, bem, representa, para os jornalistas, uma incontornável obrigação» (p. 17). Isto significa o domínio das vertentes ortográfica, morfológica e sintáctica da língua e, para o efeito, devem os aspirantes à profissão rever a gramática e munir-se de dicionários e de um prontuário ortográfico. «Nenhum jornalista pode menosprezar a acentuação, as concordâncias, as regências verbais e nominais... ou a pontuação» (p. 19).

Outro conselho: «Só se aprende a escrever, escrevendo» (p. 20). E a emendar o que se escreveu as vezes que forem necessárias. «Escrever é, sem dúvida, um trabalho operário. Tal como o calceteiro que desenha estrelas, pássaros, flores e caravelas nos passeios de Lisboa, justapondo, em complicados puzzles, pequenos paralelepípedos de pedra granítica e calcária, também os grandes escritores suam e sofrem para porem as palavras a bater certo...» (p. 21). Complementarmente, para escrever bem, é forçoso que se leia muito: bons escritores, jornais e revistas e a própria publicação onde se trabalha. Mas a «procura da versão ideal» do texto é, regra geral, empreendida fora das redacções, pois aqui prevalece a «velocidade».

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Ricardo constata que se em alguns jornalistas «convivem o artista e o artesão», outros serão, quanto muito, profissionais competentes. «O que não os diminui. Em jornalismo, o talento literário constitui um valor acrescentado que, sendo, sem dúvida, precioso, não figura entre as condições exigidas aos candidatos à profissão. Dos jornalistas ninguém espera que sejam génios das Letras» (p. 14).

Aliás, assevera o autor, preferível será que os não dotados de sensibilidade artística se abstenham de «fazer literatura», sob pena de se cair em absurdos como «A procrastinação atávica constituía nele um indelével traço idiossincrático» (p. 15). «É certo que os jornalistas e os escritores utilizam as mesmas ferramentas – palavras que se articulam para formar frases, a narração e a descrição, o diálogo, o retrato, figuras de estilo ou de pensamento. Mas, ao passo que a literatura é uma arte, o jornalismo afirma-se, fundamentalmente, como uma técnica de comunicação» (p. 16).

Preferível será que, para a literatura e o jornalismo, se escreva com «duas canetas», uma vez que, defende o autor, «os jornalistas têm de partir do princípio de que, nos textos jornalísticos, a função artística ou poética da linguagem não pode substituir-se à pragmática» (p. 16).

Os enunciados jornalísticos devem vincular-se aos termos e expressões usuais, curtos ou concisos, concretos e precisos. Simultaneamente escritor e jornalista, já no século XIX Eça de Queirós percebeu a simplicidade como uma das características do estilo jornalístico. Em «Uma Campanha Alegre», satirizou a falta daquela qualidade nas notícias dos jornais da época sobre a visita de D. Pedro II, Imperador do Brasil, a Alexandre Herculano.

«Sua Majestade Imperial visitou o Senhor Alexandre Herculano. O facto em si é inteiramente incontestável. Todos sobre ele estão acordes, e a História tranquila. No que, porém, as opiniões radicalmente divergem – é acerca

do lugar em que se realizou a visita». Recorrendo a nomes como «mansão», «retiro», «tugúrio», «tebaida», «aprisco», «abrigo», «solidão», «exílio»..., nenhum jornal se lembrou de relatar que Sua Majestade foi simplesmente a «casa» do historiador (pp. 26-27).

«A escrita como uma dança»

Se o domínio da língua nas suas diversas vertentes é uma das exigências primeiras da redacção jornalística, Daniel Ricardo traduz esta preocupação na organização de *Ainda bem que me pergunta*. O primeiro capítulo do estudo é precisamente dedicado à linguagem e à demonstração de erros morfológicos e sintácticos que detectou em versões originais de peças que editou nos últimos anos. Aliás, os exemplos de boas e más práticas abundam ao longo do livro.

O livro contém igualmente um «Minidicionário de Dificuldades» (pp. 139-201), onde se deslindam tópicos como verbos, regências, pronomes relativos, voz passiva, discurso indirecto ou concordâncias. O volume engloba ainda um «Livro de Estilo» (pp. 203-232), que reproduz o essencial daquele que foi elaborado para a revista *Visão*.

A aprendizagem das técnicas e convenções narrativas da escrita jornalística não significa enquistamento nessas fórmulas consagradas pela cultura e ideologia da «tribo». Segundo Ricardo, do jornalista exige-se ainda que aperfeiçoe constantemente o estilo próprio, «procurando formas originais, imaginativas e até ousadas de expressão»; que elabore peças atraentes quanto ao enfoque dos temas, arranque, fecho e estrutura dos textos; que vá mais longe e mais fundo do que os outros órgãos de informação na investigação e na explicação dos acontecimentos (p. 11).

Os jornalistas não são assim dispensados de cultivarem «um estilo vivo, expressivo, colo-

RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

rido», de narrarem os acontecimentos e expressarem as ideias «com fluidez e ritmo, numa sucessão lógica, coerente, sem saltos nem hiatos» (p. 25). Sendo certo que, frequentemente, a liberdade criativa dependa, entre outros factores, do género jornalístico em que se escreve. A reportagem e crónica são os dois géneros narrativos que mais aproximam a prosa jornalística da literatura, pela maior expressão da criatividade, pela liberdade estilística, pela personalização da escrita, pela autoridade sobre o texto.

Embora não se consagre nenhum capítulo aos diferentes géneros jornalísticos, Daniel Ricardo aborda especificamente as técnicas da narração e da descrição (pp. 85-97), duas componentes fundamentais da reportagem, se se pretende que esta transmita «o dramatismo da vida real». Ilustrando com exemplos retirados das páginas da *Visão*, o autor lembra que «a descrição representa o sal da narração» e uma e outra requerem «do jornalista que testemunhe os acontecimentos, submetendo-os ao julgamento da sua inteligência e da sua sensibilidade» (p. 91).

Observados os princípios da autenticidade e do rigor, e de distância relativamente aos discursos oficiais, evitando-se no extremo oposto o abuso de vulgarismos, a escrita jornalística não tem de ser tecnicista, cinzenta, cronológica, fria. Embora o estilo «seco» predomine nas agências noticiosas – onde, na segunda metade de oitocentos, nasceu a obsessão pelos factos e a ideologia do rigor informativo – e nos diários, mais pressionados pelo factor tempo e pela urgência da actualidade.

Ler para ser lido também passa pelo nível paralinguístico dos textos jornalísticos (títulos, legendas, destaques). Daniel Ricardo dedica todo um capítulo às «Entradas nos textos» (pp. 101-138), onde decifra em traços largos os mistérios dos títulos, antetítulos, «superleads», destaques, intertítulos e legendas.

O jornalismo é uma realidade dinâmica e, por isso, não será demais lembrar que «o bom jornalista é um profissional em permanente autoconstrução» (p. 24). No entanto, no acto de escrever, o jornalista trava quase sempre uma batalha pela palavra certa. A jornalista francesa Françoise Giraud lembra que quem tem talento para a escrita o deve trabalhar «muito duramente». Nas suas palavras, «a escrita é como a dança, nunca se deve parar com os exercícios na barra».